

THAYS DE ALMEIDA POETA

A contribuição da Mulher para a  
Educação e a formação do Homem

2241-0532  
9252-8322

Rio de Janeiro

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO PEDAGOGIA  
TILAYS DE ALMEIDA POETA

# A contribuição da Mulher para a Educação e a formação do Homem

Trabalho Monográfico apresentado à  
disciplina Monografia II, como requisito de  
avaliação, orientado pela professora Rita  
Maria Manso de Barros

Rio de Janeiro  
2006

## DEDICATÓRIA

A Deus pela inspiração e sabedoria.  
Aos meus pais Sergio e Alzira por todo cuidado e amor.  
Ao meu irmão André por toda compreensão.  
Aos meus avós José e Laura por todo entusiasmo.  
À Ruth Kato por toda orientação e carinho.

## AGRADECIMENTOS

**À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Rita Maria Manso de Barros por toda instrução e direcionamento para a construção deste trabalho monográfico.**  
**Aos professores de toda a minha graduação**

# A contribuição da Mulher para a Educação e formação do Homem

## Sumário

Introdução	p.5
Capítulo 1.	
A educação da mulher: da Grécia Clássica aos nossos dias	p.7
Capítulo 2:	
De geração para geração: como as mulheres educam meninos e meninas? (mãe, professora, tia, avó)	p.23
Capítulo 3.	
Contribuições da Psicanálise sobre a construção da sexualidade feminina	p.29
Conclusão	p.33
Referências Bibliográficas	

## Introdução

Temos vivido um momento histórico de “pós-conquista” da mulher nos mais diversos e variados espaços. Com o movimento feminista as mulheres ganharam espaço antes desconhecido por elas, seja em relação às áreas profissional, acadêmica, familiar e social. Muitos foram os ganhos. Muitas também as perdas. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho, além de direitos adquiridos e autonomia, a mulher ganhou também jornada tripla de trabalho, se analisarmos que além dos aspectos referentes ao seu emprego, ela continua cuidando também da casa, marido e filhos. A consequência de tudo isto, foi o cansaço redobrado e o comodismo da maioria dos homens, visto que em sua maioria não auxiliam as mulheres nas tarefas domésticas. Ora, se um dos motivos da mulher ter ido para o mercado de trabalho foi auxiliar financeiramente o marido em casa, porque este não a auxilia em suas tarefas domésticas? Certamente a raiz disto está na educação, aquela que nós mulheres destinamos aos homens. X

O grande questionamento é: Como e para que a mulher educa os homens e quais os valores ideológicos por ela transmitidos? Para isto, é necessário verificar como e para que a mulher educava o homem na antiguidade e de que forma tem educado nos dias atuais. Deste modo, torna-se preciso averiguar melhor as relações existentes entre eles para melhor compreender os processos de formação de conceitos perpassados.

Assim sendo, este trabalho monográfico, busca identificar a contribuição da mulher para a educação e formação do homem, visando trazer um levantamento sobre os papéis ocupados pela mulher ao longo da história, refletindo sobre suas consequências e implicações na educação ministrada aos homens pelas mulheres que o cercam, quer sejam suas mães, avós, tias, professoras, babás, vizinhas etc.

Trata-se, portanto, de um levantamento histórico associado a questões psicanalíticas pertinentes a esta temática, visando identificar a educação que leva à construção da subjetividade masculina à grosso modo.

X

Ao longo do trabalho, se encontram reflexões sobre as mudanças nos papéis femininos no decorrer do tempo, sobre a educação veiculada aos meninos e meninas por meio da escola e sobre os valores perpassados pela família às moças e aos rapazes, na antiguidade e na atualidade. Por estes e demais motivos é que me propus a debruçar sobre esta pesquisa, a fim de compreender melhor estas relações, assim como suas causas e conseqüências no mundo atual.

Foi adotado como procedimento, o método hipotético-dedutivo, visto que tudo se iniciou por uma questão levantada sobre a educação transmitida pelas mulheres aos homens, acerca da qual formulei hipóteses para a partir de então testá-las. No início da pesquisa, utilizei também um pouco do método histórico, com vistas à busca de informações bibliográficas que traçassem um histórico da educação veiculada desde a Grécia Clássica aos nossos dias. Houve também em minha pesquisa parte do método comparativo, pois comparei a educação ministrada às mulheres e aos homens bem como suas possíveis e constatadas conseqüências.

*Apud: qual o procedimento metodológico utilizado?*

## Capítulo 1

### 1. A educação da mulher: da Grécia Clássica aos nossos dias

#### Significado da palavra Mulher

Em estudos sobre o posicionamento feminino perante as atuais mudanças na sociedade, torna-se imprescindível lembrar o que Prado (1995) traz à tona quanto ao significado prestado à palavra mulher nos dicionários, como: "Mulher. o ser que na espécie humana pertence ao sexo feminino, a companheira do homem" (1995:28). e em reformulações mais recentes: "mulher. ser humano do sexo que concebe e dá à luz filhos (sexo feminino); fêmea da espécie humana" (1995:29). A partir destas definições, pode-se visualizar algumas das funções predeterminadas à mulher para seu efetivo cumprimento.

Uma das funções exercidas pela mulher na família é o papel de esposa, sendo complementar ao papel do marido, cuja função resulta em uma gama de direitos e obrigações desta para com seu cônjuge.

#### Os papéis das mulheres nas gerações

Iniciando, é importante esclarecer que a criança foi a primeira riqueza reconhecida pelas sociedades arcaicas e, por este modo, certamente o papel de esposa como reprodutora foi um dos primeiros papéis a ser institucionalizado.

Havia inicialmente o que Morgan (1995) chama de "casamento por grupos", de modo que o trabalho de cada um, os filhos, os recursos externos e os produtos da natureza, pertenciam a todos. A única regra era a exogamia e a escolha do parceiro não era determinada. Ocorreu, portanto, uma transformação a partir da

*este autor não consta na bibliografia*

mudança de “casamento por grupos” para “casamento por casal”, o que acarretou para a mulher o estabelecimento de uma relação fixa, por tempo indeterminado, com certo homem, o qual passou a ter direitos sobre os filhos nascidos, mas não sobre a mãe das crianças.

A passagem deste processo para um sistema patriarcal, onde o homem podia apropriar-se de muitas mulheres e de seus filhos (poligamia), durou séculos. As mudanças do papel de esposa não foram somente acarretadas pela força, mas principalmente por mudanças sutis nos hábitos. A mulher passou de um sistema em que possuía um estatuto autônomo igual ao do homem, para outro em que participava só através do marido nas decisões sociais.

Este fato pode ser comprovado através de um fragmento retirado de uma importante coleção de contos épicos, sobre heróis e cavaleiros, a qual foi encontrada na Índia, datada de aproximadamente 1000 anos a.C. Eis o fragmento.

Ouve, pois, oh! mulher do rosto lindo, do doce sorriso, que as mulheres antigamente não eram trancadas nas residências subordinadas a seus maridos e parentes. Tinham o costume de passear livremente onde bem lhes aprouvesse e de se divertir à vontade. De nenhuma maneira vós mulheres de caráter dócil éreis fiéis a vossos homens, que, por sua vez, não eram acusados por este motivo, porque assim era o costume daqueles tempos. Em verdade este hábito tão indulgente para as mulheres era digno de veneração. O hábito de elas serem ligadas ao homem por toda a vida foi instaurado há pouco tempo (PRADO, 1995. 33).

Os papéis da esposa com suas funções se modificaram através da história de cada sociedade. Entretanto, um único papel se manteve até os dias atuais, garantiu ao homem sua paternidade social, sendo acrescentada a presunção de paternidade biológica.

No período histórico correspondente a este fragmento, ocorria o envio da mulher para o local onde morava seu marido, muitas vezes, na infância. Segue

abaixo um trecho de uma carta lida por um representante da noiva na sua chegada a casa do marido:

Aceitem esta moça conforme o costume de nosso povo. Daqui em diante ela lhes pertence e poderão repreendê-la e castiga-la se necessário for. Nossa filha é sua. Não é ainda muito forte e não teve marido. Ignora o que é casamento e é preciso que o pai de seu esposo lhe dê conselhos e a instrua carinhosamente. Se discutir com seu marido ou se o desagradar e se for recriminada, o pai de seu marido deverá apaziguá-los com serenidade. Sofre frequentemente do peito e da cabeça, o que a impede de trabalhar convenientemente. Nesse caso não a queiram mal. Quando sentir vontade de visitar seus pais, não a impeçam. Se realmente se portar mal, não a castiguem em excesso, devolvam-na e nós lhes reembolsaremos o preço pago. Não tem o hábito de fazer visitas e nem de freqüentar reuniões onde se bebe cerveja; portanto, se adquirir esses maus costumes, será sua culpa (PRADO, 1995: 34).

A partir deste fragmento, pode-se perceber que a mulher era aceita na família de seu marido à medida que cumpria seus deveres, agradava-o e lhe dava filhos, pois era este mesmo o comportamento de sua família com relação às esposas dos filhos. Certamente muito valia a vivência de sua infância. A cultura da época educava a mulher para isto, para que servisse ao homem e não o desagradasse jamais, de modo que era muito comum, a mulher ser castigada em caso contrário. Isto era vislumbrado de forma natural, como uma sanção correta e justa pelo erro cometido em prol da "boa conduta" da esposa para com seu marido. O marido, por exemplo, podia castigar sua mulher se o serviço de casa não saía como lhe agradava. Este fato é tão verídico que um antigo provérbio provençal explica bem a visão que se tinha disto: "Do burro, da noqueira e do gênero feminino não espere nada de bom, senão com um bastão na mão". (PRADO, 1995:76)

O confinamento da mulher em casa também se explica nos provérbios antigos. "Mulher janeleira" e "saideira" não é nunca boa dona-de-casa" e "Nunca mulher e leitão devem sair da mansão". (PRADO, 1995:76)

O valor de uma esposa era medido por sua capacidade de ter muitos filhos. Frequentemente os maridos se divorciavam das esposas por causa da infertilidade das mesmas. Não havia a menor consideração pela saúde da esposa, de forma que, em algumas sociedades primitivas, a limitação do número de filhos e o espaçamento de tempo entre um filho e outro eram regulamentados e, assim, a família da esposa tinha o direito de vingança contra o marido culpado.

As meninas, tanto as filhas de operários, quanto as filhas de burgueses, estavam destinadas a se ocuparem com serviços caseiros.

Tudo era visto, de certo modo, como algo comercial, já que foi pago determinado preço pela esposa. Se assim não o fosse não constaria no fragmento que se a filha não se comportasse bem para com a família do esposo, sua família reembolsaria o preço pago. Como em um arranjo contratual, a esposa não poderia falhar, nem tampouco desagradar à família que servia a de seu marido. Isto era o que as jovens esposas tinham assistido durante toda a sua infância e nada mais natural que desempenhar bem as mesmas funções e perpetuar sempre os mesmos papéis às novas gerações.

Era necessário porém que, mesmo castigadas, as mulheres fossem preservadas fisicamente para seus papéis, sendo limitados os abusos, os golpes e os trabalhos excessivos, os quais poderiam levá-las à morte. O marido frequentemente tinha sobre a mulher o direito de vida e de morte, podendo inclusive exigir para o casamento que sua mulher tivesse sofrido mutilações em seus genitais.

## Século XIX: o pensamento dos filósofos quanto aos papéis a serem exercidos pela mulher e a repercussão social

Atualmente, a esposa moderna é vista como capaz de realizar grande número de funções. Mesmo com toda esta quantidade de atribuições, a sociedade espera da mulher, além de tudo, comportamentos ditos femininos, os quais se acredita que prescindem de aprendizagem, como se fossem inerentes à natureza feminina. Certamente, filósofos e escritores do século XIX, os quais afirmavam que a natureza das qualidades dos diferentes papéis sociais para os homens e para as mulheres é inata, contribuíram para a legitimação social destes conceitos. Dentre as falas destes teóricos, podemos destacar, por exemplo, este trecho de Bonald (1995): "As mulheres pertencem à família e não à sociedade política, e a natureza as fez para os cuidados domésticos e não para as funções públicas" (p.60).

X  
nar conta

Isto demonstra o pensamento que movia a exclusão das mulheres de todo poder político, militar e religioso, não havendo para elas, no ensino, qualquer tipo de preparação nestes campos de conhecimento. O único ensino veiculado às moças era de cunho doméstico, educando as moças para o lar.

Em Paidéia, Platão levantou a problemática da educação das mulheres. Ele questionava como deveria ser a educação das futuras esposas dos guardiões. Platão, não partilhava a idéia de que a mulher seria destinada por sua natureza a exclusivamente conceber, criar os filhos e governar a casa. Em contrapartida, exprimiu sua idéia de considerar a mulher mais fraca que o homem, embora não acreditasse que isto fosse um obstáculo para sua participação nas funções e deveres dos "guardiões". Segundo Platão, se a mulher participasse da profissão do homem, deveria ter a mesma alimentação e cultura por ele desfrutada. Defendia que

]

a mulher da classe dominante deveria ser educada na música e na ginástica e assim como o homem, deveria ser formada para a guerra.

Via-se, entretanto, como intrusão da mulher, a inserção no trabalho semelhante ao da esfera profissional do homem. O fato de a mulher ter adentrado nas áreas profissionais antes ocupadas pelo homem era uma contradição aos princípios platônicos que vislumbravam que num Estado constituído organicamente, a justiça consistiria em cada um cumprir a função que lhe fora confiada pela natureza.

Ao mesmo tempo em que Platão apresentava em suas idéias que ambos, homem e mulher, possuem as mesmas aptidões para o desempenho de uma profissão, depositava certa superioridade nas tarefas realizadas pelos homens sobre as tarefas realizadas pelas mulheres.

### **Século XX : Industrialização, urbanização e algumas mudanças nos papéis femininos**

Com as duas guerras mundiais e com o avanço da industrialização e da urbanização, constatou-se modificações no papel de esposa do século XX, o que reflete em uma nova concepção da divisão de funções entre homens e mulheres se comparado ao século XIX. A elevação do poder aquisitivo, que criou novas exigências de consumo, por exemplo, levou as mulheres casadas a trabalharem fora do lar.

Os meios de comunicação zombavam do fato das mulheres irem trabalhar nas fábricas, pelo fato de que podiam "retirar" o emprego dos homens, como se tomassem o lugar que era deles: "Vê-se um homem de avental e lenço na cabeça embalando uma criança e uma mulher de espingarda em punho" (FRADO, 1995. 79).

Confinar as esposas no lar era vantajoso para o Estado, mais do que se estas mulheres trabalhassem nas fábricas. Por isso, dificultava-se a independência econômica da mulher solteira e procurava-se não permitir o trabalho das mulheres casadas. Uma das funções da mulher casada era, portanto, fiscalizar o marido, pois como este deveria prover o seu sustento, não poderia, em contrapartida, gastar em bebidas com os amigos, nem com outras mulheres. As mulheres serviam para inculcar nos homens as virtudes do capitalismo para a mão-de-obra, como a sobriedade, o senso de economia e o hábito do trabalho regular. O preço para isto tudo é o desgaste psíquico e físico da esposa.

Sempre existiu dentro de cada grupo social uma divisão das funções complementares em função do sexo. Por exemplo, na época da colheita, o homem cortava com a foice e a mulher apanhava os feixes e os amarrava. Estas tarefas variavam de um grupo para o outro. Entretanto, em todos eles o trabalho no campo não excluía o trabalho doméstico para as mulheres. Com elas permaneciam os trabalhos de cozinhar, lavar a louça, servir as refeições aos homens, fabricar tecidos e roupas, conserto e lavagem de roupas, independentemente de trabalharem ou não fora de casa.

### **A educação veiculada aos homens e às mulheres pela escola**

A educação veiculada aos rapazes do século XIX foi um dos fatores que permitiu a uniformização do papel da esposa como dona-de-casa, pois o rapaz aprendia na escola o que deveria esperar de sua esposa. O modelo mais valorizado pelos homens era o de esposa/mãe, estando à sua disposição no lar, quando este que era representado inclusive nos livros escolares.

O trabalho assalariado da mulher fora de seu lar representava o fracasso total do seu marido, o que o fazia muitas vezes não permitir que ocorresse este trabalho, a fim de que não recebesse sanções sociais.

Um trabalho endereçado a todas as mulheres da época também diz muito:

A administração da casa e a educação dos filhos são os principais e mais importantes de todos os deveres de uma esposa. [...] Se não reina a ordem e a limpeza na casa, se os empregados e as crianças não têm uma vida organizada e ocupada convenientemente, é uma desonra para a mulher [...]. Foi por isso que a mulher recebeu a noção de ordem, o gosto pelos detalhes e pela vida sedentária. [...] Não é necessário para isso procurar os dispendiosos requintes de luxo, uma limpeza esmerada, algumas flores, o gosto na escolha e disposição dos móveis, os mais simples, são suficientes para a solução desse problema. A mulher amada faz milagres, transforma tudo o que toca [...]. Deve-se aconselhar a uma mulher honesta e casta que procure conquistar o amor de seu marido, prendendo-o em casa com seus encantos tão poderosos numa mulher carinhosa, impedindo assim que ele se afaste, à procura de outras afeições (PRADO, 1995: 85).

Gostaria de destacar certo trecho deste fragmento. "Se não reina a ordem e a limpeza na casa, se os empregados e as crianças não têm uma vida organizada e ocupada convenientemente, é uma desonra para a mulher [...]. Foi por isso que a mulher recebeu a noção de ordem, o gosto pelos detalhes e pela vida sedentária"(PRADO, 1995: 85). Pode-se perceber, a partir deste trecho que a mulher recebeu a ordem, o gosto pelos detalhes e a vida sedentária. Mas recebeu de quem? De que forma? Certamente foi uma junção de conhecimentos apreendidos pela família através de observações de mulheres casadas feitas pelas jovens moças e através de conhecimentos muitas vezes adquiridos por meio da própria escola. As instituições escolares muito ajudaram a estabelecer e veicular diversos comportamentos e papéis exercidos pelas mulheres, conhecimentos estes que se afirmavam dentro dos currículos escolares diferenciados para moças e rapazes.

Contudo, a entrada da mulher no ambiente escolar deu-se tardiamente. Antes do século XIX cabia-lhe apenas aprender um ofício em seu próprio lar ou em outro para onde fosse enviada com esta finalidade. De acordo com Ariès<sup>1</sup>, a frequência escolar obrigatória inicia-se no século XV somente para os meninos. As escolas foram sendo criadas de acordo com o sexo da clientela que atenderiam: colégios de rapazes e, mais tarde, colégio para moças. O ensino era diferenciado: para as meninas, gramática e corte e costura; para os meninos, as matemáticas e as artes bélicas. (BARROS, 1998: 179)

Pode-se ainda perceber que o papel da esposa constitui-se no reforço psicológico de seu marido, a disponibilidade sexual prestada a ele, reprodução biológica, manutenção do laço entre o pai e os filhos, trabalho caseiro, cozinha, pequenos consertos caseiros, secretariado, orçamentos e compras, cooperação no trabalho do marido (secretária, trabalhos no campo, caixa, substituta etc) e educação dos filhos. Isto não remete a esposa a trabalhos objetivos, mas serviços ainda não classificados totalmente. O dever da esposa se detém, em suma, na realização da felicidade do lar.

Galbraith (1995) descreve as tarefas que são destinadas às esposas de executivos.

na  
costa

A esposa de um alto executivo de uma indústria de automóveis não precisa ser brilhante ou divertida[ ] No entanto, deve saber preparar e servir uma refeição para seu marido quando está em casa, cuidar das provisões e da manutenção da casa, do transporte da família e se necessário for, fazer o serviço da empregada, do jardineiro, etc.[...] se cumpre convenientemente essas tarefas, será considerada boa dona-de-casa, boa companheira, boa esposa, numa só palavra: uma mulher à altura de suas atribuições[...]. não poderia ocupar um cargo, em período integral, sem ser censurada ou exercer uma profissão absorvente. Se o faz, dirão que abandona a casa e a família, ou seja, sua verdadeira ocupação. Deixarão de apreciá-la como mulher apta a desempenhar seu papel (PRADO, 1995: 93).

A contribuição econômica da esposa se dá em dois sentidos: pelo trabalho realizado nas tarefas que executa para sua família e pela produção de bens de troca ou prestação de serviços remunerados como lavagem de roupa para fora, venda de

<sup>1</sup>ARIES, P. - História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981, p. 231.



executivos que se aproximam dos 50 anos, atribuídos aos aborrecimentos domésticos, chegando até mesmo a calcular o dinheiro perdido por uma empresa em consequência de discussões de um executivo com sua esposa na noite anterior, quando este precisava tomar importantes decisões na manhã seguinte.

Segundo Sartin (1995), no trabalho assalariado em geral, há regulamentações severas quanto ao respeito pelo número de horas trabalhadas. As horas de trabalho de um executivo, incluindo o trabalho em casa, somam de 50 a 55 horas de trabalho por semana. Em contrapartida, a duração do trabalho para as mulheres donas-de-casa, sem emprego e sem filhos, soma 54,3 na área urbana e 63,3 para as mulheres de agricultores. Com um único filho aumenta o número de horas para as primeiras para 71,2 horas e para as segundas para 74,2 horas. E mais, este trabalho não é acompanhado de férias, nem descanso semanal. As férias e as interrupções pelo dia e pelo mês são respeitadas sob pena de aplicação das leis trabalhistas. Destacamos o trecho abaixo como exemplo:

...o mal causado pela falta de intervalo na monotonia de um trabalho exaustivo é tão grande[...] Uma pesquisa feita junto às creches revelou que as mulheres chegaram a um ponto de esgotamento em que tinham perdido a noção do tempo. Confessaram não "sentir nenhuma idade" e se mostraram incapazes de lembrar atos de sua vida passado. Os dias e as horas não tinham para elas nenhum significado e so restavam em suas memórias alguns pontos de referência que geralmente eram as datas de seus partos (SARTIN, 1995: 143).

Percebe-se que a esposa não se dá o direito de ter seu lazer pessoal. Até no lazer, vê-se intenso trabalho, pois se, por exemplo, ela resolver passear com seus filhos e marido, será ela quem preparará a cesta do piquenique, será ela quem vigiará as crianças na água, quem irá atrás deles para que vistam um casaco se o tempo esfriar e, assim, ela não descansará mentalmente o dia todo. A frase que

*nan  
conta*

*nan  
conta*

sempre vem à tona na boca das mulheres é que "as tarefas não terminam nunca". Isto reflete todo o seu esgotamento.

Segundo estatísticas médicas (1995), 36% das mulheres que ficam em casa sofrem de distúrbios mentais. A estafa por elas experimentada gera desde o envelhecimento precoce até os distúrbios nervosos que levam ao suicídio.

Na França, as mulheres que além das atividades do lar trabalham fora, trabalham ao todo, incluindo o domingo, uma média de:

Esposa sem filhos	12 horas por dia
Esposa com um filho	13,30 horas por dia
Esposa com dois filhos	14,45 horas por dia
Esposa com mais de três filhos	15 horas por dia

fonte?

Como pontos positivos ao fato da mulher trabalhar fora, pode-se destacar os ganhos com o estabelecimento de relacionamentos, a troca de idéias com as pessoas e a proximidade de uma realidade social e política.

### **Mulher como objeto sexual**

Segundo o pensamento de Lopata (1995): "a esposa é valorizada como objeto sexual; tornar-se atraente e disponível faz parte de suas responsabilidades" (1995.148).

non  
consta

Para o marido, o fato de não atingir o orgasmo é considerado um fracasso, mas para a esposa, o fracasso não está no fato de não conseguir atingir o prazer, mas em não conseguir provocar a ereção no marido. Daí surgem o sentimento de culpa, de impropriedade, de falta de atração etc. Revela-se, também aí, a preocupação das mulheres de servir aos homens, pois estas se preocupam

extremamente mais pela obtenção do prazer de seus companheiros do que pela obtenção do próprio prazer, o que demonstra certo grau de anulação pessoal. As mulheres aprenderam a se anular perante seus maridos. Mais importante lhes é a satisfação que os homens podem delas obter do que a satisfação que elas podem obter dos homens. Isto constitui em um serviço interminável que nulifica muitas vezes os desejos e sentimentos das mulheres em questão.

### **Os papéis esperados das mulheres e a possível regressão mental**

Os papéis em nossa cultura estão tão fortemente estabelecidos que em uma situação onde estão certos grupos de pessoas reunidas, é natural que as mulheres façam o café, enquanto os homens conversam. Esses aspectos tendem a diminuir nos casais mais jovens, entretanto a participação masculina é mais sob a forma de ajuda do que de um encargo assumido. Não se vê facilmente o contrário, as mulheres conversando enquanto os homens preparam o café ou o lanche. O que se observa nos casais mais jovens, é realmente um auxílio por parte dos homens de pôr a mesa ou de levar objetos mais pesados para a mesa, entretanto, não assumem como uma tarefa de compromisso permanente, mas de atuação esporádica, como um auxílio sem comprometimento.

Mesmo com todo desenvolvimento atual e com todas as lutas das mulheres, intensificada pelo movimento feminista, ensina-se ainda hoje à mulher a enclausurar-se dentro de casa, tanto antes como muito mais firmemente após seu casamento, o que acarreta num estacionar do desenvolvimento psicológico, já que ao se enclausurar, a mulher não se relaciona com os desafios do mundo. Não havendo estes desafios, não ocorre também qualquer estímulo para o pensar, ocasionando uma regressão ao pensamento infantil em torno dos oito anos de idade, fato

observável nas mulheres que por se conservarem inertes em seus lares, não desenvolvem operações do pensamento. Sem estímulos no cérebro, são condicionadas a permanecer sem ação, visto que estes estímulos são tão imprescindíveis que em sua falta promovem um processo de retardamento difícil de ser recuperado. O meio doméstico, por exigir pouco da mente, faz com que a inteligência não seja desafiada e assim o QI feminino sofra diminuição causado por este processo.

*Estas afirmações são fundamentadas em quê?*

*será!*

### **As ideologias perpassadas pela mídia para os papéis femininos**

Sabe-se que a mídia veicula além de informações, muitas ideologias e certamente a figura feminina não tem escapado de seu alvo. Em seu exercício, a mídia tem ensinado à mulher muitas coisas, apresentando o papel desejável que esta deve ocupar na sociedade. Um exemplo disto ocorreu fortemente nos EUA e na Inglaterra na ocasião da 2ª Guerra Mundial. Ao precisar da mão-de-obra feminina, estimulou-se e encorajou-se a mulher para o trabalho nas fábricas. Ao término da guerra, rapidamente os meios de comunicação encarregaram-se de reconstruir a ideologia da mulher dona-de-casa.

Outra questão veiculada é no tocante à beleza. Ensina-se à mulher a ter extrema preocupação com a estética. Todos a acusam se engorda um pouco e quando começa a não possuir os traços de beleza eleitos pela sociedade, lhe dizem que tome cuidado para não perder o marido. Os meios de comunicação auxiliam nesta veiculação de ideologias, de modo que desde a mais tenra infância vê-se a preocupação das meninas em manter a beleza e a boa aparência. Convencem-na de que se não for mais bonita, não será mais ninguém. Tudo isto acarreta na mulher o medo de envelhecer, pois mesmo não possuindo pouca idade, sente a

necessidade de parecer que possui, rendendo-se a dietas, plásticas, maquiagens, cabeleireiros e esteticistas. O contrário não ocorre. O homem poderá envelhecer, tornar-se careca, adquirir alguns quilinhos que sempre o respeitarão, não notando sua decadência física, o que demonstra que a preocupação das mulheres com a estética é algo produzido e veiculado culturalmente.

### **As mulheres-professoras: combinação harmoniosa de tarefas domésticas e profissionais**

No Brasil, o setor do ensino é um setor onde as mulheres visivelmente se concentram, o que se iniciou ao final do século XIX, tomando maior força nas décadas seguintes, principalmente no ensino primário, o que corresponderia nesta antiga nomenclatura às Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Um dos aspectos da escolha desta profissão pelas mulheres é que o magistério não se dissocia da expectativa de desempenho feminino no lar, sendo visto o educar na escola como um prolongamento do educar os filhos, e assim, a (des) qualificação para esta profissão seria inerente à natureza feminina.

As mudanças políticas e sociais apontaram a necessidade de maior amplitude da escolarização da população. Deste modo, com o afastamento dos homens da área do ensino, designou-se às mulheres a função do magistério das séries iniciais. Acreditou-se, por conseguinte, que as mulheres possuíam para isto, características essenciais à prática do magistério como, por exemplo, sensibilidade e afetividade. Assim sendo, o magistério tornou-se a profissão ideal para as moças de classe média.

O destino das jovens deveria ser o magistério primário, de forma que articulasse a função profissional com as tarefas domésticas em uma combinação

*fonte?*

harmoniosa. A sociedade tem naturalizado este processo, fazendo crer que as tarefas do espaço doméstico são uma consequência da capacidade de ser mãe, intrínseca à mulher. Certamente a escola ajudou a veicular estas ideologias, levando a consagrar os papéis femininos.

As mulheres preferiram adentrar neste campo de trabalho, o magistério, por causa da possibilidade de conciliar seus papéis de mãe e esposa, e deste modo, o ensinar seria somente um desdobramento de uma atividade já praticada, o que passa a ser considerado como um não-trabalho, desconsiderando a tarefa, o ensino. Curtamente isso se reflete nas questões salariais. Permeou-se a idéia de que a mulher já trazia consigo características naturais como o cuidado, o ensino e o lidar com as crianças.

As professoras têm educado seus alunos como filhos, vivendo em ambigüidade em relação a estes. A forma como a professora lida com seus alunos dependerá de sua história de vida, de sua concepção sobre seu fazer pedagógico e das concepções do campo social.

A professora, entretanto, não deve educar seus alunos, quer meninos ou meninas como filhos, pois trabalhar na área da educação requer reconhecer que a escola não é a extensão do lar e que a professora não é mãe, nem tia, mas mulher portadora de uma cultura, de um gênero, de uma classe, de um inconsciente e de desejos.

## Capítulo 2

### De geração para geração: como as mulheres educam meninos e meninas?

“ indo para a rua, o garoto enfrenta todos os desafios do mundo, desenvolvendo a inteligência e os músculos [...] Enquanto os meninos brincam de esportes, elas brincam de comidinha” (STUART 1974: 14)

O que se tem visto atualmente, é que mesmo com a busca da mulher no mercado de trabalho, mesmo trabalhando horas e horas, ao chegar em casa, salvo raras exceções, ela continua tendo como obrigação as tarefas domésticas. Em poucos momentos ocorre o auxílio do marido, isto quando ocorre, pois em muitos lares os maridos ainda não contribuem no auxílio às tarefas domésticas para as suas mulheres. Até alguns anos atrás, os papéis na família e na sociedade se encontravam bem definidos de forma que o homem era o mantenedor da casa e a mulher cabia as tarefas domésticas.

O que se vê hoje é que a mulher adentrou ao mercado de trabalho e o que se esperava é que já que esta foi à luta para trazer também o sustento da casa, esperava-se que as tarefas domésticas fossem divididas entre elas e os homens, porém isto não aconteceu. São poucos os lares em que se pode ver este fenômeno, pois os homens raramente auxiliam suas mulheres nas tarefas domésticas. O que ocorre é que mesmo em meio a tantas mudanças do papel feminino na sociedade, as mulheres continuam educando seus filhos a não se envolverem com as tarefas do lar, enquanto estas mesmas mulheres continuam estimulando suas filhas a

realizarem todas as tarefas domésticas. Certamente esta raiz se encontra na educação veiculada pelas mulheres quer sejam mães, avós, tias, babás ou professoras.

### **A educação veiculada aos meninos e às meninas**

Desde muito cedo, os meninos são estimulados a outras tarefas que não são as domésticas. As meninas, ao contrário, são estimuladas desde muito cedo às tarefas dos lares, pois além de todo o estímulo com brinquedos como: vassouras, rodos, pzinhas de lixo, ferro de passar com tábuas, tanquinho, aventalzinho, fogãozinho e panelinhas, dentre outros, as meninas percebem desde pequenas as relações tecidas no lar juntamente com seus papéis pré-estabelecidos. Ao observarem estas relações e as atitudes das mulheres adultas, aprendem o que delas é esperado para também o cumprir, o que caracteriza uma reprodução comportamental.

Já os meninos são estimulados a jogar bola, a correr, a saltar, a soltar pipa, a arremessar objetos, de forma que causa pavor entre os pais ver o filho brincando com brinquedos ditos femininos como casinha de bonecas, fogão e ferro de passar, e assim o menino se afasta pouco a pouco destas brincadeiras. Quando o questionam se não vai brincar com certos brinquedos eles respondem que não pois faz parte de brincadeiras de meninas.

Precisa-se saber o que caracteriza "brincadeiras de meninas". Na maioria das vezes são aquelas brincadeiras que se relacionam ou se referenciam a alguma tarefa doméstica. Não haverá, portanto, meios nem motivos para se questionar posteriormente a não aceitação destes meninos, que se tornarão homens, na participação das tarefas domésticas. Foram seus próprios pais, professores e

familiares que estimularam e veicularam estes conceitos, que uma vez apreendidos se tornam muito difíceis de serem esquecidos, visto que lhes foram apresentados como uma característica de gênero.

### **Sobre as tarefas do lar**

De acordo com a conjuntura econômica, os homens passaram a estimular suas esposas a trabalharem também, entretanto quando estas chegam do trabalho, o "serviço de casa" está todo por fazer e a maioria dos homens ainda continua chegando em casa querendo descansar e ser servidos pelas mulheres. Poucos são os maridos que se dispõem a dividir as tarefas domésticas com as esposas. Em contrapartida algumas mulheres, ao verem seus maridos se dispondo a auxiliá-las no trabalho doméstico, logo correm para fazê-lo antes deles. Elas se sentem invadidas pela ansiedade ao abandonarem seus antigos papéis domésticos.

As mulheres continuam exercendo o papel de donas-de-casa, tenham ou não uma carreira fora, porque ainda se sentem dependentes dos maridos e necessitam de alguma coisa – um serviço – com que lhes retribuir. [...] A exaustão expressa pelas mulheres de hoje em relação à sua "dupla carga" é o resultado de um conflito – a contradição entre querer resguardar os seguros limites domésticos sempre apreciados pelas mulheres e o desejo de ser livre e realizadora. Este conflito não resolvido e, por conseguinte paralisante, gera o pânico do gênero feminino, refendo as mulheres em seus empregos ou atividades profissionais de nível inferior a seu potencial intelectual e as mantém prisioneiras do "lar" (DOWLING, 1981: 192, 193).

Culpamos os homens por serem como são, entretanto, desejamos que permaneçam deste modo. Embora queira, a mulher não se permite ser ajudada pelo marido.

Ao chegar da Universidade ou do trabalho, as mulheres possuem as tarefas de preparar a comida, lavar a louça etc. São justamente os momentos que as mulheres utilizam para estas tarefas domésticas, os mesmos que os homens

utilizam para estudar, pesquisar e se aperfeiçoar, apurando seus saberes e melhorando sua posição, tanto ao nível social como profissional, enquanto as mulheres se sentem privadas em seu tempo, tendo toda a ocupação doméstica no momento em que se privilegiaria o estudo ou quaisquer outras atividades.

As mulheres têm educado os homens para serem fortes, a fim de que vivam por trás de sua força. Vivendo dominadas pelo medo, o comportamento contradependente funciona assim como uma manobra defensiva, fazendo com que as mulheres só se sintam fortes se seu companheiro se sentir também. As mulheres procuram proteger-se por trás do marido, sentindo-se fortes ao agirem em nome deles, e deste modo, ao perceberem falta de força em seus maridos, sentem-se desamparadas.

### **O ensino da dependência e da independência**

A educação e o treinamento ministrados a filhos e filhas é diferente. Desde a educação infantil, pode-se ver estes papéis bem definidos de quem faz o quê dentro de casa e, deste modo, pode-se observar que durante as brincadeiras os meninos costumam relegar às meninas as tarefas que se resumem em ficar em casa e fazer a comida, enquanto eles trabalham ou saem para o lazer. Desde pequenas as meninas são treinadas para a dependência enquanto os meninos são treinados para se livrarem da dependência.

Dados evidenciam que a dependência aumenta na vida da mulher à medida que esta adquire mais idade. Entretanto, é desde a mais tenra idade que as meninas já desempenham com naturalidade o papel de serviçais.

É desde muito cedo que se estimula certos comportamentos em meninos que diferem dos comportamentos desejáveis para meninas.

Apesar dos bebês do sexo feminino serem mais adiantados em termos de maturação, são considerados mais frágeis que os do sexo masculino, e a partir disto recebem menos estimulação principalmente dos pais, e são freqüentemente carregados e menos vigorosamente manuseados que os bebês do sexo masculino. Recebendo menor estimulação, as meninas não podem obter o mesmo encorajamento dado aos meninos.

Outro dado interessante é que pesquisas revelam que as mães correm mais depressa para socorrer o choro de um bebê do sexo feminino que de um bebê do sexo masculino (DOWLING, 1981). Assim, as filhas aprendem que a mãe é fonte de conforto e que chorando, elas conseguem obter dela maior atenção. Formula-se a idéia de que através do choro se é ajudado automaticamente, criando desde muito cedo a dependência, ao passo que muitas vezes o menino aprende a consolar-se a si mesmo, tornando-se seu próprio provedor emocional. A ansiedade, a supersolicitude apreensiva por parte da mãe, leva a criança a duvidar de sua própria competência. Isto se reflete mais adiante, pois basta às mulheres se encontrarem em situação de competição que a confiança em si próprias vai por água abaixo! E, por não terem confiança em si próprias, comumente relegam as decisões que deveriam tomar aos seus parceiros. Deste modo, percebe-se como é construída a identidade feminina, muitas vezes com ênfase no desencorajamento das suas capacidades.

A mensagem perpassada pelas atitudes de extremo cuidado por parte dos pais quanto às filhas desde pequenas é de que no que diz respeito a assumir riscos, não devem confiar em si mesmas e assim, evitando-o, a criança fica impedida de aprender a lidar com o medo.

*isto é possível?*

Nas escolas, as professoras costumam ensinar desamparo às meninas, elogiando-as não pelo bom trabalho que possam ter realizado mas pelo comportamento desejoso que alcançam, enquanto os meninos são freqüentemente elogiados por seus trabalhos escolares. Por ser quieta, não-provocadora ou desafiante, por ser "boazinha", a menina é recompensada com boas notas e aprovação de seus pais e professores. Percebe-se a partir daí, a ênfase dada pela figura da professora da Educação Infantil e das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, pois muitas vezes, as professoras têm estimulado de forma diferenciada meninos e meninas.

*X*

*fonte?*

Ao entrar na adolescência, a mãe ensina à filha que não é bom competir com os homens, bom é agradar-lhes. Outro truque, não tão comum quanto o primeiro, é exatamente o oposto, o qual consiste em diminuir os maridos de forma que vejam o quanto infantis são e, por isso, dependentes delas, fazendo isto para que jamais sejam abandonadas.

As mulheres são ensinadas a não competir com os homens com a finalidade de não serem abandonadas, pois acreditam que obtendo sucesso, a relação com o homem se deteriora, se modifica.

## Capítulo 3

### Contribuições da Psicanálise sobre a construção da sexualidade feminina

#### Masculinidade e Feminilidade

Primeiramente, torna-se importante compreender o que constitui a masculinidade e a feminilidade de acordo com a psicanálise. A masculinidade e a feminilidade fogem ao alcance da anatomia. Esta distinção, entretanto, não é de cunho psicológico. Quando se fala sobre masculinidade associa-se facilmente esta idéia à atividade, e ao falar sobre feminilidade, com freqüência também se associa à passividade. Contudo, isto não pode ser vislumbrado como uma regra, visto que, em algumas classes de animais, as fêmeas são mais fortes e mais agressivas em relação aos machos, os quais são unicamente ativos no ato sexual. Em muitas espécies, a tarefa de cuidar dos filhotes é compartilhada por machos e fêmeas, sendo muitas vezes realizada somente pelos machos.

Por isto, torna-se inadequado relacionar o comportamento masculino à atividade e o feminino à passividade. A mulher não possui uma tendência natural à passividade, assim como o homem não possui uma tendência natural à atividade.

Uma mãe, por exemplo, é ativa em todos os sentidos para com o seu filho. As mulheres podem demonstrar muita atividade, até porque a passividade requer realmente muita atividade. O que ocorre, em suma, é que a característica psicológica da feminilidade faz com que dê preferência a fins passivos, enquanto da masculinidade, fins ativos, isto porque a supressão da agressividade na mulher é imposta socialmente. Deste modo, há um peso social implícito nesta questão. A

cultura faz com que se tome certos comportamentos, diferenciando-os em masculinos ou femininos, não por uma questão biológica que os defina, mas por um costume social das mulheres ou homens desempenharem tais tarefas, classificando-as posteriormente por critérios de gênero.

### **Atividade e passividade**

A psicologia utiliza os termos masculino e feminino para significar oposição entre atividade e passividade, entretanto isto não deve servir de critério para a vida sexual do ser humano. O dualismo masculinidade e atividade e feminilidade e passividade não é suficiente para explicar a diferença sexual no nível psíquico. Pode-se, no entanto, caracterizar a feminilidade por uma preferência por objetivos passivos, o que não indica passividade, já que pode haver grande atividade para execução de objetivos passivos. Um exemplo disto são as brincadeiras com bonecas. As brincadeiras de boneca nas meninas têm o objetivo tanto de fixar a imagem da mãe quanto uma da própria menina que responda a imagem da mãe. Esta brincadeira não reflete a real expressão de feminilidade, antes está a serviço da identificação com a mãe, a fim de que se substitua a passividade pela atividade. Ao brincar de mãe, a boneca representa a própria criança e assim se pode fazer com a boneca tudo que a mãe a obriga a fazer.

### **A menina e a fase edipiana**

Retomando a questão da psicanálise, pode-se lembrar que o primeiro objeto de amor para as meninas e os meninos é a mãe. A vinculação com a mãe dura aproximadamente até o quarto ano de vida, podendo até se estender por mais algum tempo. Entretanto, é na fase edipiana, que o pai será o objeto amoroso da

filha. Isto constitui relevante importância já que no curso de seu desenvolvimento, a filha passará do objeto paterno à sua escolha objetal definitiva.

A menina não ama seu pai desde o início do mesmo modo que o menino ama sua mãe. Contudo, é conduzida a isso progressivamente a partir de seu relacionamento com a mãe. Por isso, a criança é sempre um menino diante de sua mãe e num segundo momento a feminilização destacará as meninas dos meninos se produzindo frente ao pai. A menina se volta para o pai na esperança de receber dele o que sua mãe por natureza não lhe pode dar.

O complexo de Édipo no menino se dissolve a partir do complexo de castração já na menina, o complexo de Édipo é possível através do complexo de castração, o qual opera sempre inibindo e limitando a masculinidade e encorajando a feminilidade. É pelo complexo de castração que a menina se reconciliará com a sua anatomia.

Ac afastar-se da mãe, o amor da menina por ela transforma-se em ódio, o qual é designado por diversos motivos. Um exemplo é o fato de a criança crer que sua mãe lhe deu pouco leite, censura que é interpretada como falta de amor. O que parece, é que a avidez da criança pelo alimento é insaciável, de forma que não supera a perda do seio materno. Outro motivo é o nascimento de outro bebê, de forma que a mãe não poderia mais saciá-la com o leite, pois teria que garanti-lo para o bebê que nasceria. Deste modo, não haverá muita diferença se a criança continuar sendo preferida por sua mãe, pois as exigências de seu amor são ilimitadas e não toleram partilha com outrem. Um terceiro motivo para o ódio à mãe é a proibição da mesma para com a menina de que esta retire prazer de seus genitais. Muitas vezes a mãe realiza esta proibição com ameaças e sinais de desagrado. A menina, por fim, ainda responsabiliza sua mãe como culpada por não tê-la presenteado com um

paragem  
do texto  
de Freud  
consequências  
práticas...

pênis, como se a tivesse feito com defeito, com um pedaço a menos, pondo-a em situação de desvantagem. Por esta importância dada ao pênis, a menina alimenta em si durante longo tempo, a possibilidade e o desejo de possuí-lo.

São estes os motivos da menina sentir ódio por sua mãe, entretanto posteriormente, o amor prevalecerá sobre este ódio. O complexo de masculinidade, então, leva a menina a ser feminina, fato que ocorre a partir do início do complexo de castração. O pai substitui a mãe e o desejo do pênis é substituído pelo desejo de um filho, assim a menina não rejeita o pênis, mas o substitui pelo desejo de um filho.

As conseqüências do complexo de castração feminino são, ou a menina renuncia a toda e qualquer atividade sexual, ou se torna homossexual ou se volta para o pai esperando dele aquilo que a mãe não lhe pode dar: um filho. A esta última conseqüência, Freud designa como a verdadeira feminilidade.

*onde?*

X

### **Feminilidade**

É importante reconhecer que a descoberta da castração representa para a menina um marco. Disto partem três possíveis linhas de desenvolvimento, a primeira conduz à inibição sexual, outra ao complexo de masculinidade e a terceira, à feminilidade.

A partir disto, discutiremos somente a via da feminilidade, a qual constitui a essência deste trabalho.

Na descoberta da mãe castrada, a menina volta-se para o pai renunciando a uma grande soma de atividade. O que leva a menina a se aproximar de seu pai é a esperança de receber dele aquilo que sua mãe não lhe pode dar. A feminilidade, entretanto, só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de ter um filho, o qual assume o lugar do pênis.

### **Compreendendo o tratamento diferenciado das mães para com os filhos do sexo masculino**

A felicidade da mulher se torna incomparável, se na fase adulta, tem um bebê menino, visto que o menino traz consigo o pênis tão desejado. Com o filho menino, a mulher obtém satisfação sem limites e este é, para ela, o mais perfeito e o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos.

É porque não haveria de ser assim? Esperara durante anos para obter aquilo que por natureza sua mãe não lhe deu. Como medir tamanha completude, se visualiza em seu filho, ser que saíra de dentro de si, o que tanto sonhara e desejara?

A mulher passa então a proteger seu filho, pois este é possuidor do falo que desejara outrora. Procura, portanto, a partir disto, servi-lo, retribuindo amor e carinho, zelo e excessiva proteção. Compreende-se então um dos motivos da diferença do tratamento das mães para com seus filhos e para com suas filhas. As mães tendem a proteger os filhos do sexo masculino na tentativa de prendê-los para si, como se fossem as únicas que podem retribuir todo o afeto que merecem. Esta satisfação sem limites, esta completude que as mães sentem ao ter um filho, completude esta que se diferencia da alegria experimentada de ter uma filha, se explica por saber que de dentro desta mãe saiu o falo tão esperado que desejara em sua infância.

Outro motivo da relação diferenciada das mães para com os filhos e filhas, diz respeito ao aspecto cultural, citado anteriormente, assegurado de forma mais firme pelas atividades divididas por gêneros e pelos comportamentos esperados, ditos femininos e masculinos, os quais definem o que se pode identificar como correto culturalmente para homens e mulheres. Isto se reflete pela educação veiculada por

mães, avós, professoras, babás, tias, vizinhas e quaisquer outras mulheres que participem da educação veiculada aos indivíduos do sexo masculino. O que ocorre comumente é a reprodução de papéis definidos socialmente e isto se efetiva mais firmemente na infância, através da educação diferenciada às meninas e aos meninos. Estas atitudes se estendem, inclusive na fase adulta, principalmente nas relações conjugais, e segundo Freud (1998) possuem certa importância, pois "o próprio casamento não é garantido, enquanto a mulher não conseguir fazer de seu homem seu filho e agir para com ele como sua mãe" (ANDRÉ, 1998:201).

*de quem  
é a citação?*

### **A imagem corporal da mulher**

Toda mulher, menos a que atua como mulher fálica, se encontra sempre um pouco em falso em sua identificação imaginária. Sua imagem corporal parece-lhe frágil. Por isso, as mulheres designam tamanha atenção a esta imagem tendo a necessidade de reassegurarem sua feminilidade. Por isso, Freud (1933/1995) sustentava que a mulher é um ser essencialmente narcísico. A mulher cuida de sua imagem corporal, a fim de que, tentando suprir a falta do falo, sua imagem corporal chegue a adquirir o valor de falo. À falta de um pênis, ela tem um corpo feminino. Este corpo deve mascarar e sugerir, recobrir o real e sugerir a presença de uma feminilidade misteriosa. A inveja do pênis para a mulher desencadeia notável efeito na vaidade física, visto que procura valorizar em extremo seus encantos, como uma compensação da falta do pênis. Ao serem tão zelosas com sua imagem, as mulheres demonstram que esta lhes é mais estranha que o é para os homens. Esta concepção psicológica dos fatos associada ao aspecto cultural analisado no primeiro capítulo sobre a extrema preocupação das mulheres com a beleza, produz efeitos sobre a auto-estima e a imagem corporal das mulheres.

## Conclusão

Com a pesquisa apresentada neste trabalho, pude perceber que a mulher passou de um estatuto autônomo igual ao do homem para outro estatuto em que sua participação se tornara efetiva somente através do marido nas decisões sociais. A aceitação da mulher por parte da família do marido ocorria a partir do momento em que o agradava, em que lhe dava filhos e cumpria seus "deveres". Isto também era o que aprendia desde a sua infância como papel inerente a sua natureza feminina. Ocorria que a cultura educava as mulheres para isto e era natural se pelo fato do trabalho caseiro não ter saído de acordo com o gosto do marido ou da família do marido, a mulher ser castigada, de modo que era também muito comum que a família da esposa reembolsasse o dinheiro pago pela família do esposo, caso a respectiva mulher não estivesse à altura das exigências estabelecidas ou por motivo de apresentação de "mau comportamento". Como num arranjo contratual, o dinheiro poderia ser devolvido, não oferecendo qualquer crédito aos motivos da esposa para suas atitudes.

Ficou claro que nos dias atuais, há pouca diferença entre as mulheres de séculos passados e as mulheres de hoje. A mulher avançou no que diz respeito à sua entrada no mercado de trabalho e à sua independência, entretanto, em muitos aspectos houve permanência de costumes em atividades já praticadas.

A partir destas análises, pude compreender que as tarefas realizadas eram e ainda são inesgotáveis, e assim, a mulher trabalhadora, atualmente, sofre com frequência por esgotamento mediante a infinidade de atividades, o que acarreta envelhecimento precoce e, muitas vezes, distúrbios nervosos.

*Esta afirmação se sustenta?*

*esta conclusão é bem completa*

Pode constatar que os homens foram estimulados a tarefas desafiadoras, instigados a quaisquer outras tarefas que não são as domésticas e isto ocorre desde a mais tenra infância. Paralelamente, as mulheres são educadas desde cedo a realizarem sozinhas todo o serviço caseiro. Deste modo, mesmo quando querem ser auxiliadas por seus esposos, muitas vezes as mulheres não permitem tal auxílio, porque isto lhes fora ensinado como comportamento desejável para elas, assim como, fora ensinado aos homens a não se envolverem com as tarefas domésticas, tarefas estas denominadas como "coisas de mulher".

Foi possível observar um fato interessante. Foram justamente as mulheres que perpassaram aos jovens meninos a ideologia de que não devem realizar determinadas atividades discriminadas socialmente como femininas, pois muitas vezes foram elas mesmas, as próprias mães, avós, tias, professoras, babás e vizinhas que participaram da educação e formação dos homens em sua infância, perpetuando ideologias e valores socialmente determinados.

Através dos estudos psicanalíticos referidos neste trabalho, foi possível compreender o porquê da diferenciação de tratamento das mães para com os filhos do sexo masculino, protegendo-os no que diz respeito a algumas tarefas, de forma que sempre estiveram dispostas a servi-los em quaisquer circunstâncias. Fazendo isto, evitam a todo modo o envolvimento dos mesmos com as tarefas caseiras, pois sentiam como se fosse uma obrigação retribuir com algum serviço prestado, e isto se explica tanto psicanaliticamente quanto culturalmente. ?

A finalidade maior destas análises, foi levantar questionamentos e possíveis respostas para estas questões tão antigas, porém tão presentes na sociedade atual, e que têm interferência decisiva na construção de subjetividades, tanto masculinas quanto femininas.

Ao buscar materiais para a construção desta monografia, senti certa dificuldade em encontrar algum material escrito sobre a relação da educação da mulher ministrada ao homem ao longo das gerações, o que demonstra pouca pesquisa sobre o tema. O que encontrei foram escritos antigos e recentes sobre a educação das mulheres e dos homens, entretanto, não encontrei esta ponte da educação que a mulher veicula aos homens. Precisei fazer esta ligação, utilizando para isto diferentes livros que se complementavam mutuamente. Por isso, penso fazer possíveis desdobramentos sobre este tema em curso de pós-graduação, a fim de melhor ampliar os saberes sobre tal aspecto, aprofundando-me em tais conhecimentos.



## Referências Bibliográficas:

- ANDRÉ, Serge. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- ARJÈS, Philippe – História da criança e da família no Ocidente. \_\_\_\_\_ X
- BARROS, R.M.M. A adolescência e o tornar-se mulher. In: Farias, F.R. e DUPRET, L. A pesquisa nas ciências do sujeito. Rio de Janeiro. Revinter, 1999.
- DOWLING, Colette. Complexo de Cinderela. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.
- FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: XXXIII Feminilidade (1933). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro. Imago, 1996.
- JAEGER, Werner Wilhelm. Paideia, a formação do homem grego. São Paulo. Livraria Martins Fontes ~~7/1/01~~ <sup>negrito</sup> 2001.
- LOPES, E. M. T.(org.). A psicanálise escuta a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- PRADO, Danda. Esposa: a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- STUDART, Heloneida. Mulher: objeto de cama e mesa. Rio de Janeiro: Vozes, 1974



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Thays de Almeida Poeta

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : A contribuição da  
mulher para a educação e a formação do homem.

ORIENTADOR : Rita Maria Manso de Barros

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Francisco Ramos de Farias

Nota : 9,5 (nove e cinco)

Considerações:

Trabalho que seguiu o tema abordando-o em  
várias nuances. Demonstra um percurso de  
leituras e de observações.

Seria relevante proceder as alterações sugeridas  
nas páginas no corpo do trabalho.

Reflexas inédita sobre a questão de forma

apropriada, e que representa uma significativa contribuição à Educação.

em 07/07/06  
RM

Segundo avaliador :

Professor orientador : Rita Maria Manso de Barros

Nota: 9,5 (nove e meio)

Considerações:

Trabalho de pesquisa que atendeu, na medida das possibilidades da autora, ao seu desejo de conhecer mais o tema.

Durante o percurso da orientação, ficou claro o engajamento e interesse.

O tema é rico e, até certo ponto, original. Parte do pressuposto de que são as mulheres aquelas que criam, no menino, o protótipo de sua posição futura como homem, tendo papel fundamental na educação.

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Ligia Martha Coimbra da Costa

Nota : 9,5

*Collro*

Considerações:

Bom trabalho em tudo formal. O tamanho da fonte é  
menor, em citações e a bibliografia tem espaçamento diferente

---

---

---

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,5	9,5	9,5	28,5	9,5

Rio de Janeiro, Julho/2006

*LMC*